

Anuncia a Câmara Municipal de Lisboa a construção nestes dois anos de 11.000 fogos, para habitação social.

Embora as carências mais gritantes subam a 58.000 famílias, entre habitantes em regime de subaluguer e as 18.000 moradoras em barracas, este número, neste prazo, é algo de animador, sobretudo se for estancada a corrente migratória para Lisboa, ou, ao menos, se mantiver o equilíbrio entre este afluxo e o saldo fisiológico, como — diz o comunicado — tem acontecido.

Uma preocupação importante é a localização das casas em relação com a das actividades. Quanto possível evitar as distâncias que põem problemas correlativos de transportes urbanos, nada fáceis numa cidade apertada e com equipamento viário insuficiente.

Outra cautela: Que as barracas deixadas pelas famílias

Habitação

— PROBLEMA PRIMEIRO

relojadas sejam destruídas e se vele pela não construção de outras, senão tudo acaba por voltar ao mesmo ponto. Semelhante vigilância é necessária quanto às partes de casa libertadas da promiscuidade. Mas aqui o problema complica-se, pois que o rendeiro, quase sempre, não tem capacidade económica para pagar a renda sozinho e, a não ser que esta baixe ao nível das suas possibilidades, tem de procurar, ele também, uma casa acessível à sua bolsa.

De dois modos se pensa

executar este programa: Pela construção de casas pela própria Câmara e pela Empresa Pública de Urbanização de Lisboa; e por formas de auto-construção, nomeadamente por cooperativas a constituir.

Já aqui se falou nesta modalidade a propósito da Curraleira e de outras curraleiras que ferem a cidade dos homens e do Despacho conjunto do Ministro da Administração Interna e do Secretário de Estado da Habitação e Turismo. Gostaria de saber o que já se está fazendo neste sentido.

Que este novo afloramento de interesse pelo prioritário problema da habitação não fique apenas na elaboração do programa. No colóquio em que ele foi apresentado (além de dois pontos fundamentais de doutrina, muitas vezes sublinhados nestas colunas: a habitação não deve ser objecto de lucro e a necessidade de medidas radicais sobre solos), afirmou-se que «a Câmara dispõe de possibilidades técnicas, em terrenos, de execução de projectos e de fiscalização, para concluir ainda este ano 4.000 fogos.»

Oxalá não falhe «a única di- vida que pesa sobre o referido projecto»: as dificuldades financeiras de um empreendimento orçado em 3 milhões de contos.

Por nós, em coerência com uma política de verdade, gostaríamos mais de saber deste projecto depois de começada a sua realização. Primeiro agir e depois falar. Assim fez Padre Américo com o **Património do Pobres**, do qual safu a primeira notícia quando subiam já algumas casitas nesta paróquia do Paço de Sousa. E o «fogo alastrou... E não faltou cor que!

Nestas empresas, o capital de base é uma fé firme no dinamismo intrínseco da Justiça. Parece-me que é assim que se demonstra de facto uma mentalidade não-capitalista. Certamente com muito mais eficácia que a dialéctica anti-

Aqui, Lisboa!

O trabalho ocupa nas nossas Casas um lugar de destaque. Quem nos visitou algum dia sabe bem como as coisas se processam. Pai Américo, na segunda parte daquilo que podemos considerar o seu testamento espiritual aos «padres da rua», depois de focar que a Obra é o amparo da criança abandonada e de dizer que o seu padrão é a família, refere-

-se ao uso de castigos corporais e à Justiça como primeira arma de combate aos vícios, às quedas e más inclinações do Rapaz; em seguida, depois de considerar nas nossas Comunidades a vida religiosa como centro e da necessidade de se inculcar na alma do Rapaz o amor pelos Pobres, fala-nos do trabalho, a que dá desenvolvido relevo.

Vale a pena transcrever o primeiro e o último períodos do capítulo que ao trabalho diz respeito: «A vida do trabalho deve seguir a par. Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã. Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela. Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio; a ini-

ciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula. É a nossa divisa: Obra de Rapazes para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem... «Dê-se ao Rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto. Chame-se cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo.»

E porquê, hoje, este arrazoado? Apenas e simplesmente por isto: vendo e topando tanta inflação verbal e escrita sobre o trabalho e muita gente pouco disposta a realizá-lo, mas a receber grandes ordenados, perguntamos a nós mesmos como será possível conciliar atitudes tão contraditórias. Que o trabalho exploração ou escravo sejam rejeitados, muito bem; o que ninguém poderá, porém, exigir é comer o pão sem o suor do seu rosto. De resto, quem não descobriu o aspecto libertador do trabalho, das alienações ou mazelas que afligem o Homem, bem assim a solidariedade que qualquer tarefa exige e supõe em ordem ao bem-comum, não atingiu ainda a maturidade humana. Sem trabalharmos não podemos produzir, sem produção não pode haver riqueza e sem riqueza não haverá distribuição e bem-estar. Combatam-se as injustiças e os desequilíbrios, assegure-se a cada Homem a dignidade a que tem direito, mas repila-se a ociosidade, que é mãe de todos os vícios.

O nosso jornal

Avelino fechou contas, 1974 foi um ano de monda. Depois de repetidas prospecções decidimos cortar os assinantes que não davam sinal de si havia mais de 10 anos. Ou a morte ou o desinteresse (que é um modo de morrer) seriam explicação do silêncio. Aqueles que tivessem outras razões reagiriam... Assim aconteceu com alguns — e as razões foram sempre aceites mesmo que pelo preço da gratuidade do jornal.

Entretanto, ao longo do ano, liquidaram suas assinaturas apenas 47,1% dos assinantes. E nem tantos, se atendermos a que alguns puseram em dia vários anos de atraso!

E eu diria ainda que certamente nem tantos tomaram essa iniciativa, porque, desde largos meses, de todos os donativos que aparecem não inequivocamente como tal, passamos recado ao Avelino, o qual, se for o caso,



A casa-mãe da nossa Aldeia, no Tojal — Casa do Gaiato de Lisboa.

Continua na TERCEIRA pág. Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

«JÁ NÃO HÁ POBRES» — É voz corrente, nos últimos anos: «Já não há mais Pobres...!» Sobretudo nos meios rurais...

Para os bem-instalados só conta a triste imagem do Pedinte, do Farapão. Só conta a miséria espectacular.

Temos lutado, denodadamente, de muitas formas e feitios, contra o slogan. E continuaremos a lutar! Ele só demonstra o egoísmo nato de quem tem a barriga cheia — e os outros que se amolem. São fariseus do século XX, de sempre. Mudam as ideias, mas o homem não. É o mesmo, ontem, hoje, amanhã... Somos assim!

Mas, em contrapartida, já vamos ouvindo, aqui e ali: «Os Pobres encobertos são os mais infelizes, os mais necessitados...» São! E, desses, é que ninguém procura saber ou descobrir — porque «sem voz». Abafados pela marginalidade típica da sociedade de consumo.

RECEBEMOS — Matosinhos, 20\$. Cinco vezes mais da assinante 11162. Mais 20\$ de Lisboa, «para alívio dos vossos Pobres e Doentes». Assinante 26398: «Com um grande abraço envio 1.000\$ para ajudar a pagar algumas dívidas do jovem casal». Retribuímos com amizade. Mais 1.000\$ de Euclídia. Mais 260\$ de um bom amigo e colega dos bancos da Escola Mouzinho da Silveira. A vossa presença alegrá-me! Mais 100\$, em vale do correio, de Carcavelos. O mesmo do assinante 259, do Porto. Metade de velho Amigo e em resposta cumpre-nos informar que só o Lar do Porto mantém, ainda, a sua Conferência. Mais 100\$, de Oledo. Idem, de Lisboa. Finalmente, 300\$ da assinante 1694.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

UM MENINO E EU — Estávamos sentados à mesa e ele convidou-me para no fim do almoço irmos dar um largo passeio.

Entretanto, eu fui beber um cafézinho e ele seguia-me com uns olhares de quem chama e pede..., mas eu fiz-lhe um sinal e ele esperou, pacientemente, por mim.

Quando partimos demos as mãos para conversar e seguimos em direcção aos campos da mata.

O dia encontrava-se propício. Nem uma única nuvem sequer cobria aquele céu azulado e o sol ardia no rosto.

Metemos assim por um velho caminho que liga a todos os recantos agrícolas, terminando lá longe... num alto.

Tudo quanto víamos era belo. As plantas e os campos com um ribeiro a passar.

A meio do caminho parámos a escutar o silêncio. E o que ouvíamos? Era água a correr, o vento a falar com as árvores e, talvez, uma pomba que pousava ora aqui ora acolá. Mais além chamava-nos a atenção um rico tourinho que tinha um olhar meigo. Ao aproximarmos dele o menino acariciou-o e ao fim de algum tempo tínhamos em nossa volta o resto da manada.

Depois disto resolvemos subir mais em frente naquele caminho tão desajeitado e poeirento. Ao darmos novamente as mãos, o menino pedia-me que cantássemos uma canção alegre. Assim por ali fora tudo parecia novo como a Primavera. Entretanto, passados minutos, chegava a hora de irmos trabalhar. Eram já duas da tarde e lá de cima, da casa-mãe, vinha-nos chamar para o trabalho o som da nova sineta. Era a hora de deixarmos a Natureza e todas estas coisas.

Ao dizermos adeus a tudo isto dissemos também até logo um ao outro.

CASAMENTO — António Miguel e Rosa casaram. Foi no dia 21 de Dezembro.

Nosso há muito, era o «Peniche». Ela é moça simples e ajeitada da nossa freguesia de Paço de Sousa.

A cerimónia decorreu na nossa Capela e teve como celebrante o sr. Pe. Carlos.



O Miguel e a Rosa

O «Copo d'água» foi servido no nosso antigo salão de diversões, amplo, arejado e enfeitado à maneira, completou toda a alegria passada nesse dia bonito de sol.

Miguel e Rosa: felicidades e prosperidades no vosso lar.

DOIS AMIGOS — O «Bombeiro» mais o «Pop» são íntimos amigos. Eles olham-se e sorriem, eles conhecem-se e abraçam-se.

«Pop» é um cão muito valente e na realidade quem o vir tem mesmo medo. Mas medo de quê? E porquê? Ele nunca pretende fazer mal a ninguém, nem se zanga de qualquer maneira com aqueles que mostram querer molestá-lo. Então medo de quem?

O «Pop» é pacífico, amigo de toda a gente e o «Bombeiro» gosta muito de correr as suas mãos, suavemente, naqueles pêlos tão macios e gigantesco.

Quando este está longe e o «Bombeiro» precisa da sua ajuda e companhia, basta um assobio que ele já conhece e depois é só esperar... e esperar pouco.

Depois, para onde queira ir o «Bombeiro» o seu amigo vai também. Difícilmente se separam. E quando são horas do trabalho ou do refeitório, vão sempre juntos. À noite dorme aos pés da cama do dono.

Eles são dois amigos inconfundíveis, dois amigos que dá gosto ver.

Manuel Amândio

O SONHO DO HOMEM É A PAZ — O sonho dos homens deve ser igual: o da paz. Se dentro dos corações de todos os homens houvesse paz e amor por aqueles que passam fome e andam na miséria — e são tantos por esse mundo fora — talvez pudéssemos todos construir um mundo novo. Com a continuação da guerra e miséria, nunca conseguiremos esse mundo novo. Na verdade é preciso que venha o mais depressa possível essa paz, esse amor e harmonia entre os homens.

Homens de todo o mundo, é preciso reflectirmos um pouquinho e marcharmos para a construção dum verdadeiro mundo.

Fernando Tinoco

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Um pouco atrasado, mas venho ainda falar do nosso Natal. Venho dizer da nossa alegria. «Vou ser alegre!» — respondia, assim, um dos mais pequenos, quando lhes perguntámos o que iam fazer para agradecer ao Menino Jesus neste Natal. E foi mesmo! E fomos todos! Continuamos a sê-lo; mas nequele dia o motivo foi maior e tivemos algo a activar a nossa alegria.

Começou na «Missa do galo», ou antes, começara dias atrás quando dos ensaios e agora a expectativa era geral, todos cantavam com alegria, entusiasmo e bom tom. Quem os fazia cantar assim? Seria só por ser noite de Natal? Não! Era a bateria. Tinha sido dada dias antes, por um Amigo de Miranda do Corvo que vive em Lisboa, e o Albino ajeita-se bastante bem. O «Pretito» e eu bem nos atarefávamos para que as violas se ouvissem, mas quem teve êxito foi o Albino que manteve todo o mundo bem desperto.

Todo o dia foi assim; a alegria era tudo.

Vieram também os mais velhos do exterior, que chegam e parece que nunca saíram de Casa; somos uma Família onde os filhos são-no sempre.

À noite foi o convívio. A alegria continuou a predominar; não houvera de haver alegria quando a festa é em família! O Natal é a nossa festa e sabe mesmo a Natal.

REGRESSO — Chegou o Manuel. — Qual Manuel?

Eu vinha da escola, de vigiar o estudo, e ainda não o tinha visto.

— Olh'ó «Manel da Pala»!

Veio de Moçambique onde para ele e outros findou a guerra.

Quando assim é, que chega mais um, nós recordamos. E do Manel tinha que recordar. Andámos ambos no Lar e ele foi meu chefe.

Está a dar aulas na Escola Primária da Lourosa. Lourosa é a terra do «Zé Gordo» que também há pouco chegou da Guiné. Recordo ainda quando os dois eram cabos milicianos na Metrópole e se encontravam em Casa.

— «Zé Pança» — e Manuel batia com a mão na barriga em guisa de continência.

— «Manel da Pala» — e o Zé, com a mão acima dos olhos numa continência que mais parecia que tapava o sol da testa. Depois riam-se. Nós escangalhávamo-nos de riso!

CASAMENTO — Foi no domingo a seguir ao Natal.

Nós esperávamos pelo sr. Pe. Horácio. Demorou-se porque vinha da Figueira da Foz, de mais um casamento de um dos nossos. Foi o Victor. Cá era o «Prigoso». Cantava muito bem e era o vocalista do tão famoso conjunto «Podióóóó-chamá-lo». Quem o não recorda a cantar «Ó tempo volta pra trás»?

Dias depois tivemos-lo cá com a esposa. Não se evidenciou no canto, parece que o casamento lhe tirou o pio! E agora já não é perigoso, é Victor e... casado. Que sejam felizes, são os nossos votos.

«Lita»

Do que nós necessitamos

As presenças que a seguir anotamos, são da quadra festiva que passou. Elas aqui vão, pois:

A presença da Amadora, que nunca falta, com 100\$ em selos do correio, todos os meses. Maria Cristina com 100\$. De Maria da Luz, 40\$. «Mãe que crê em Deus», com 200\$. Entregues a um dos nossos vendedores de «O Gaiato», 50\$ por uma funcionária dos CTT. 100\$ do Porto. Marília com 500\$. Roupas de Abrantes. Um par de sapatos novos e lindos, de Jorge. Um cheque de 8 contos da rua de Sá da Bandeira. De Bragança, 100\$, para ajudar a pagar as cobertas da casa 3 de Malanje. 200\$, «a promessa que a minha gratidão não esquece». Ass. de Rio Tinto, com os 100\$ mensais. E 2 contos de Helena, para cobertores ou qualquer outro fim necessário.

Da família dos nossos «Girasol» e «Malmequer», 450\$. De Valadares, 160\$. Lisboa com 100\$. Belíssimas roupas novas, do Armazém Infante Santo. 100\$ de Monte Estoril. E 2.000\$ que, pelo carimbo da carta, pareceu-nos vir da Amadora. 20\$ do Barreiro. «Obra de Deus — para os Pobres», com 50\$ mais 50\$. «Tripeira amiga» com 100\$. Pedindo uma oração, 1.000\$ de «Uma alentejana».

Donativo anual de 2.000\$, de Augusto Guimarães & Irmão. De um grupo de jovens de Soalhães, 1.050\$ e um rádio portátil, produto de vários trabalhos. E cabe agora uma palavrinha aos nossos Amigos do Banco Borges & Irmão - sede, que por mãos dum devotado assinante, anualmente nos enviam suas ofertas, embaladas com muito carinho e amizade. Desta, vieram 9.770\$.

Anoto os 24 contos anuais que, no início de cada ano, outrora nos chegavam por mão própria, mas que, agora e devido aos muitos afazeres deste casal amigo, chegou-nos pelo correio. «Mais umas coisinhas, de uma mãe alentejana», como sempre com muita ternura. Duas caixas com roupas, de Pataias. Avós de Sintra, com 500\$. De Gaia, 700\$. Famalicao com 1.000\$. Do Grupo Motorizado do Passeio Motociclo Boa Nova, de Mazarefes — Viana do Castelo, 1.000\$. Dum aumento de ordenado, 670\$. E pela terceira vez, uma bolada de algures depositada nesta Aldeia. Desta feita, foram 57



contos muito discretos e silenciosos.

E mais um cheque de 18.736\$, dos Associados da Casa do Pessoal da Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto. Mais 2 contos de Gaia. 100\$ de Lisboa. 50\$ de Maria do Céu. Os 500\$ do costume da Empresa Industrial do Ouro. Anónimo com 5.500\$. Bragança com 50\$. Cheque de 10 contos, dum engenheiro de Lisboa. 400\$ do Fundão. 1.000\$ do Porto. A uma leitora que nos pergunta quantas são as Casas do Gaíato, na Metrópole, respondemos que são 5 e 4 Lares, fora o Calvário; e delas para raparigas, não temos. Mais 50\$ de Aveiro. E mais um vale de 1.600\$, do Pessoal da Sociedade Industrial das Malhas Férris. Muitas entregas à porta do nosso Lar do Porto. 1.000\$ dumas senhoras dos Correios. E o último ordenado de um rapazito que morreu. Que o Senhor o tenha em Paz.

«Mais um Natal e... uma vez mais, os funcionários da Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria Têxtil, juntaram migalhinhas que somaram 4.157\$50, importância que enviam com muito carinho para a Obra que muito, e de há muito, admiram.» Esta amizade vem de há anos e sempre com uma perseverança admirável!

Uma tarifa com cobertores, da Sotex. Brinquedos do Bazar Brochado. 1.000\$ da nossa Recoveira no Bairro da Pasteleira, sendo 500\$ pró Calvário. Donativo anual de 1.500\$, da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios. Da Agência Bancária do BPM, em Tomar, 500\$. Ass. de Leça do Balio, com 100\$. Roupas de Santo Ovídio — Gaia. Mais dela, muito boa, das Confeções Rossi. 100\$ de Aveiro. Lisboa com 1.000\$. Assinante do Seixal com 500\$. Entregues pelo «Piloto», outros 500\$. A habitual caixa de vinho do Porto, da Firma Poças Júnior. Mais os 1.000\$ de todos os anos, da Junta de Freguesia de Arcozelo. Amiga do Henrique, com 417\$50. Coimbra com 100\$. Da Praia da Aguda, 50\$. Cá vai a ass. 25151, da Rua D. João IV, com várias presenças, da venda de papel velho. Gaia com 300\$. E 470\$ do Porto. De Matosinhos, 1.000\$, «duma mãe agradecida», lembrando a alma de seu filho, tombado em terras angolanas. Eis agora o Pessoal da Fábrica do Jacinto que, com a amizade de sempre, nos enviou 1.700\$.

«Por alma do meu noivo», 1.500\$ de Matosinhos. 200\$ de Gaia. 100\$ de Espinho. Cheque de 10 contos, de Linda-a-Velha, de casal muito amigo. Pelo aniversário do falecimento de D. Adélia Cândida, passado no dia 15 de Dezembro, 250\$. Novamente Gaia, com 2.000\$, a que Pe. Carlos chama «o foro das rosas», pois é da venda delas, essa quantia. Anabela com 50\$. Da capital, 100\$. Roupas de Portimão. Mais vestuário e calçado, de Hamburg. Donativo de 200\$, da Sociedade de Cristais: «Para mais uma gota de azeite», 50\$ de algu-

«Vamos ajudar a AUTO-CONSTRUÇÃO espontânea!»

Telejornal. Colóquio de Habitação. Em foco: Eng.º Caldeira Rodrigues, presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Responde a interpeleções. Com entusiasmo! Absolutamente inteirado do complexo problema das barracas, na capital; desde os problemas humanos e materiais, à chama que jamais se poderá extinguir entre os Auto-construtores motivados pelas suas precárias condições habitacionais.

Registámos afirmações. Poucas, infelizmente! Linhas de rumo e acções concretas que definem um programa que deveria ser, sem perda de tempo, palavra d'ordem nas autarquias de norte a sul...

Disse: — **Vamos ajudar a Auto-construção espontânea! Vamos ajudar para que eles (os Auto-construtores) façam construções higiénicas. Em nossas costas são construídas tantas moradias clandestinas...! Já nos têm vindo pedir terreno e dinheiro...**

Que pena ser um apontamento-relâmpago!

As afirmações do Eng.º Caldeira Rodrigues mereciam uma nota de reportagem mais completa ou, então, um programa

de interesse nacional, para abrir os olhos a quantos superintendem nas autarquias do País, até os responsáveis por departamentos de carácter técnico ligados à construção de moradias... auto-construídas.

O caso da Província, por exemplo. O País não se circunscreve a Lisboa, Porto e Coimbra, nem à faixa litoral...

Desenferujar, desburocratizar os departamentos camarários que, no foro da construção particular, além das infra-estruturas urbanísticas (nem sempre...) se têm limitado, praticamente, a despachar projectos, cobrar licenças, vistoriar ou aplicar multas! É necessário descerem ao povoado de mangas arregaçadas para dar a mão aos Auto-construtores ou, até, motivarem os que possam ou queiram meter ombros à construção da sua casa. No plano integrado de habitação social a realizar — e no que se refere às populações tipicamente rurais — seria um investimento público de extraordinária rendibilidade do ponto de vista social e nacional.

Hoje, fomos abordados por uma moça, cujo marido é um Operário cheio de dificuldades.

Vivem numa casa alugada. Renda insuportável! Mas ela — qual Padeira de Aljubarrota! — consegue um empréstimo particular de dezenas de contos, à taxa de juro dos depósitos a prazo, 9%. E, num montado inóspito, adquirem um prédio em ruínas, que tencionam reparar (não se sabe quando nem como...) de baixo acima.

Estes atrevidos investimentos de muitos Pobres são a maior acusação aos congelamentos ou retração iníqua dos poderosos...

— Não pode ser já...! Mas queremos saber se poderemos contar com uma ajuda...

— Pois claro!

— A gente não podia mais...! Até somos capazes de deixar a casa arrendada e passarmos pra nossa... Depois, faremos tudo aos poucos...

Aqui está! Depois, faremos tudo aos poucos. Hoje, qual seria a Câmara que, num caso destes, exigiria, por exemplo, a prorrogação de licenças e mais e mais?!

O Auto-construtor da Província — do meio rural — que, no silêncio, sempre respondeu heroicamente à solução do problema habitacional, quase sem dinheiro na algibeira, antes sufocado por gravíssimos encargos e reduzido poder de compra, é o investidor mais descomprometido, mais eficaz, mais rentável. E são legiões — desconhecidas...! — de norte a sul.

«Vamos ajudar a Auto-construção espontânea!»

Pai Américo fez assim. O Património dos Pobres assim faz. E continuará a fazer, se Deus quiser.

Júlio Mendes

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

Quem não trabalha, podendo fazê-lo, não tem direito a comer — diria Pai Américo. Como aprenderiam meninos que nada fazem, visitando uma Casa do Gaíato, vendo os nossos Rapazes nas oficinas, nas escolas, no campo, nas limpezas, tratando dos animais, etc., ganhando jus ao que comem e recebem!

De que todos não somos demais para que se construa um País mais próspero e feliz não temos dúvidas. Mas que esse objectivo jamais se conseguirá se não trabalharmos todos e empenhadamente, também numerosas dúvidas temos. Se anda tanta gente empenhada em sanear este e aquele por incompetente ou por exigente no cumprimento dos deveres por parte dos seus subordinados, não vemos que o saneamento não se deva estender aos que se dizem Trabalhadores e não trabalham, quer sejam intelectuais, operários ou estudantes, funcionários públicos ou de outros sectores.

Já agora, não queremos deixar de referir um caso concreto, de há dias. Fomos em serviço da Casa, a uma determinada repartição dum serviço público. Sala ampla e clara, aparentemente bem apetrechada e com mobiliário cómodo. Contámos 7 ou 8 funcionários, onde deveriam estar pelo menos uma dúzia ou mais, pelo que conhecemos. Eram 15 a 16 horas. Pois só topámos dois funcionários a trabalhar, enquanto outros falavam, uma senhora era penteada cuidadosamente por outra, para logo ser aspergida por terceira, enquanto alguém falava ao tele-

fone e o público esperava... E já não queremos falar no cumprimento de horários, dado que os relógios andam muito atrasados para se entrar e se adiantam para sair... Parece não haver chefes que zelem, como em fábricas também não se topam encarregados que vejam as paragens e as saídas para o exterior. Dizem-nos que estas demissões de responsabilidade se filiam em receios de saneamento ou do epíteto de fascista. Valha-nos Deus e que os homens responsáveis tomem providências!

P. S. — Queremos agradecer desvanecidamente as provas de solidariedade recebidas directa ou indirectamente, por escrito ou pelo telefone, vindas dos mais variados lugares e de pessoas das mais diversas ideologias, a propósito dum notícia (?) relacionada com dois dos nossos Rapazes, um dos quais já entre nós, que veio num jornal de Lisboa. Não nos ofende quem quer e, de resto, estamos habituados a perdoar, pois também queremos que nos perdoem. Bem hajam todos, conhecidos e anónimos, com muita amizade e o propósito firme de continuarmos nesta tarefa, esgotante mas apaixonante, de estender a mão aos que dela precisam, que palavras leva-as o vento.

Padre Luiz

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

res. E duma senhora que pediu anonimato, 50 contos.

Dum nosso amiguinho de 12 anos, de Souto — Vila da Feira, recebemos, com muita alegria, as suas notícias e a sua dádiva de 900\$. E que o Senhor te ilumine. Mais 200\$, parte dum aumento de vencimento. Da Amadora, 400\$ para ajuda da compra de livros escolares. Ass. 24598, com 150\$. Da Rua António Cardoso, 2.000\$. Escalhão com 150\$. Da Tabacaria Lusa, 870\$ de migalhinhas lançadas no cofre-mealheiro, pelos clientes deste estabelecimento. Clara e José Flores, com 70\$. Várias presenças amigas, de Augusto e Maria Luisa. Por alma de Oliva, 20\$. De Santos Pousada, 500\$. Anónimo entregou 5.000\$, no Lar. 100\$ do Porto. Lima com 500\$. Pelo 52.º aniversário da firma Polónio Basto & C.ª L.da, 500\$. Da nosso ass. 29702, de Perosinho e de mando de pessoa de família, um cheque de 11.500\$. Cento e oitenta e esta carta:

«Irmãos:

Envio-vos um presente de Natal que tem uma origem curiosa: trata-se do valor de um sinal não levantado por estudantes que o entregaram para uma sebenta que não veio a ser publicada.

Como seria muito improvável e difícil encontrá-los agora e após várias tentativas com afixação de cartazes, os actuais responsáveis pela iniciativa, não integrados em estruturas associativas, acharam melhor enviá-lo a uma instituição particular de assistência, tendo sido

escolhida a Casa do Gaíato.

Sem mais, despeço-me com os desejos de um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo para toda a «malta» da Casa.

Estudantes da Universidade do Porto»

Mais referências de dádivas ainda respeitantes ao Dia de Trabalho Nacional. Ei-las:

241\$ do Porto. Dum Trabalhador do BIP, 360\$50. Das Operárias do atelier de M. S. Barros, 1.200\$. Marília com 245\$. De 2 empregados da Companhia dos Telefones (transportes), 462\$50. Parte do Pessoal da firma Irmãos Aguiar, Lda., com 420\$. Da Foz do Douro, 700\$. Dos Trabalhadores do Banco Borges & Irmão, cheques que totalizaram 7.428\$50. Mais uma empregada dos Telefones do Porto, com 620\$. E um grupo de Trabalhadores da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra, com 855\$60. Mais um cheque de 2 contos, dos Trabalhadores do BPM. Anónima com 200\$. Da rua Santo Ildefonso, 170\$. Dum empregado da Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela, 140\$. De Leiria, 129\$60. Mais 1.394\$10, de associados do Sindicato N. dos Profissionais da Indústria Hoteleira de Aveiro. 253\$20 da Areosa. 150\$ do Porto. De S. João da Madeira, 120\$. Dum Trabalhador da Covina, 430\$. E mais 324\$ de Rio Tinto. E é tudo.

Um obrigado a todos.

Manuel Pinto

Trabalho e poupança

Lemos no n.º 1 deste ano do Boletim do Departamento de Imprensa da Alemanha Federal que «a palavra de ordem para 1975 é: Trabalhar e poupar.»

Eu creio que não é só para 1975, mas palavra de ordem sempre actual e necessária, nomeadamente para os Países pobres e em desenvolvimento e para os que o não são enquanto houver dos que sim.

Afirma o Presidente Federal que «os grandes problemas económicos e sociais só podem ser solucionados mediante uma cooperação muito ampla». E acrescenta: «A economia não deveria ser desvirtuada em arma política, pois de contrário só haveria perdedores e isso em todos os campos».

Por sua vez é o Chanceler quem proclama a citada palavra de ordem para que, «após longo período de crescimento, o País possa preservar o que se conseguiu». Diz H. Schmidt: «Este novo ano nos levaria para a frente se, em primeiro lugar, os cidadãos não sobrecarregarem o Estado financeiramente; em segundo lugar, se as empresas forem sensatas na sua formação de preços; e em terceiro, se os nossos Sindicatos e os empregadores procederem, por sua vez, sensatamente nas negociações sobre aumentos de salários e vencimentos».

Esta lufada de bom senso vem da Alemanha, apetrechada para atravessar uma crise «só apertando mais o cinto», «sem problema existencial», como é o caso dos países em desenvolvimento.

Quem dera estas palavras fossem ouvidas e meditadas e postas em prática entre nós, por força de um civismo consciente, que tão depressa se apregoa que há e que não há, consoante as conveniências do momento.

A verdade é que nós somos bons trabalhadores, mas defi-

cientes em organização do trabalho. Pôr a cabeça a trabalhar antes das mãos e permanecer lúcidos na auto-crítica do trabalho que se vai realizando, não é virtude nossa. Ainda que não falte a quantidade do trabalho, falha-se geralmente na qualidade. Eis uma fundamental reforma a empreender.

Depois, o Pobre não abunda também na capacidade de poupar. Sabemo-lo por experiência até à saciedade e muitas vezes aqui tem sido dito em crónicas várias sobre a miséria e as suas causas. A primeira delas será, decerto, o baixo nível de educação cívica das nossas gentes, insensibilidade aos problemas económicos que não deixa entender que uma lâmpada inutilmente acesa, uma torneira que não veda, uma máquina não assistida... são defeitos anti-sociais num mundo a braços com a escassez de fontes de energia.

É clássica a prodigalidade dos pescadores; mas a verdade é que não são eles, apenas,

os que vivem em mentalidade de cigarra. Formigas, trabalhadoras, presidentes e providentes — eis a meta de uma conversão a fazer a todos os níveis, cientes, como nos lembrou o Presidente W. Scheel, de que «a paz interna e externa (e poderíamos dizer o mesmo da prosperidade como anseio universal e da suficiência para todos, como condição de estabilidade social) não são presente gratuito, mas, pelo contrário, os homens devem consciencializar-se de que têm responsabilidade uns pelos outros».

Aqui está um belo e fundamental e urgente plano de acção a pôr em prática entre nós. Num esclarecimento que não resulte irradiante de um dia para o outro, mas que há que empreender com tenacidade, opondo vigorosamente um clima de austeridade a toda a reacção ainda possível de «uma sociedade de consumo» que se deseja entenda bem fundo e para sempre.

Nota da quinzena

A Palmira tem sido a última beneficiada. Viúva jovem, tem uma filha e espera um bebé-órfão, que o pai faleceu, de desastre, em Outubro passado, no Hospital de Santo António, do Porto. Mas o sentimento dela — com sacrifício material — trouxe-o para o cemitério de Paço de Sousa.

Há quem repare na decisão desta proletária. Normalmente é um privilégio da burguesia. Porém, ela revelou o que de mais profundo existe no Grande Sacramento...

A Palmira — ou a mãe — tem-nos abordado várias vezes. É que nos domínios burocráticos da Previdência há critérios de dispersão, duplicação e protelamentos que nos custam dinheiro que poderia ser aplicado em benefícios sociais.

Foi carta para a Caixa pedindo subsídio de funeral. Chega impresso-requerimento (a carta não serve!...)

para ser preenchido e devolvido com uma certidão d'óbito.

— Eles pedem o quê?
— O preenchimento deste impresso e a remessa duma certidão d'óbito...

A viúva também participou o óbito, simultaneamente, à Caixa Nacional de Pensões, com o pedido expresso de comunicarem, *duma só vez*, «toda a documentação necessária». Debalde!!

— O que é que eles querem mais?!
— Agora, é a cédula pessoal da sua filha. E, logo que nasça o outro bebé deve enviar a cédula, também...

Não somos técnicos de organização científica do trabalho. Mas temos a opinião, empírica, de ser possível uma simplificação de serviço que resuma ou elimine voltas e papéis. Menos cartas lá e cá. Aliás, a Palmira, logo de entrada, acentuou: «Peço o favor de me comunicarem toda a documentação necessária...»

O Natal é sempre acontecimento de amor. Seja Natal cristão, seja ele pagão. Seja meramente social, ou marque-o o cunho espiritual. Tenha gruta com animais e pessoas e o Menino nas palhinhas ou tenha só a árvore ou o pai natal. Haja sapatinhos com ricas prendas ou haja sandálias com prendas pobres.

O nosso Natal parece-nos sempre autêntico. É sempre acontecimento de amor. Marque-o sempre um profundo cunho espiritual. Reune a família. Alegra-se toda a vida.

A nota mais simpática no nosso Natal, é a presença dos que já não estão habitualmente connosco: solteiros e casados. Os solteiros vêm de véspera e os casados mais no próprio dia. Estes trazem esposas e filhos e mimos dos seus mimos. Muitos que não podem vir marcam presença doutro modo. Os de longe mandam suas mensagens. São horas muito cheias aquelas que nós vivemos com todos eles.

O Natal começou a ser ainda maior acontecimento de Amor para nós, desde que muitos Amigos de Coimbra e arredores começaram a vir no domingo mais próximo de 25. O Coral de Santa Cruz aluga camione-

A hora é de renúncias. Para o «desemprego oculto», para os «complicados» — para o «reino da papelândia». Nós, que servimos os Pobres sem promessas ou canções de paraíso, sabemos e compreendemos perfeitamente — porque atentos à conjuntura — o desejo expresso pelos responsáveis.

Além do mais, o «reino da papelândia» é um agravo para muitos que tampouco sabem escrever o seu nome... porque nunca lho ensinaram.

— Tenha paciência — implora a sra. Ana. Se eles querem mais uma certidão, veja lá se m'arranja... Eu não sou capaz. Não sei ler. Percorrem no Porto...

Hoje, a sra. Ana volta ao nosso encontro. Mais papéis! Estávamos no fim do almoço. Quisemos deixar a mesa...

— Diga lá que não. Eu espero. Esperou breves minutos.

— A minha filha está doente... Não pôde vir. Ela já pediu a *transfêria* da ficha... pra ir à *médico*. Mas ainda não chegou! E há mais isto...
— Escrevemos outra vez!

Não seria preciso. Bastaria o *cartão de beneficiário*... Mas a saúde do Povo é bloqueada pelos papéis!

A sra. Ana desandou, com os sobrescritos na mão.

— Logo vou à correio...
Regressámos à vida. E passámos pela casa-mãe. Estava sentada num mocho, logo à entrada.

— Porque espera?!
— *Descupe*. Só por *trigança* (vergonha) é que não pedi uma ajudinha.

— ...
— A minha filha já não tem pra ir à padaria!...

— E porque não disse?!
— Por *trigança*... A gente não sabe q'ando é q'eles mandam o dinheiro...

Fomos ao sobrescrito dos Pobres e sacámos uma notas.

— Vá já à padaria. Já!
A sra. Ana lá foi. Contente. Mas nós ficámos tristes. Nós sabemos que o valor da *pensão de sobrevivência* é um cozinhado tão apurado que demora meses e, depois, vem uma bolada, impressionante para a bolsa de muitos Pobres! Quando deveria ser

Tribuna de Coimbra

ta e vem tomar parte, alegrando todos os momentos.

A concentração costuma ser à tarde e tem como centro uma mesa de altar onde celebramos a Missa. A Palavra do Senhor é partilhada voluntariamente e a Eucaristia é comida por quem quer.

A seguir ao banquete espiritual, há outro quase do mesmo género: convívio de cânticos e outras coisas: Santa Cruz e os nossos mais pequenos. Houve violas, bateria e mais instrumentos. Palmas e alegria em todos os olhos e em todas as almas.

Passa-se para a nossa sala de jantar. Fora daquela hora a sala é grande e chega; mas, naquele momento, é tão cheia, tão pequenina, tão recheada! Um grupo de Senhoras dá voltas por sua zona e horas antes repletam as mesas que não podem com mais. Entra toda a gente. Há quem ataque mais na nossa boroa, nossas azeitonas, nosso vinho. Cada um do que mais gosta. É Natal. É festa da família.

É sempre noite dentro quando os últimos retiram. Há beijos. Há abraços. Há até breve. Todos partem mais felizes e nos deixam mais felizes. Tantas vezes sentimos a ausência de amigos!...

O Natal deste ano sentimo-lo com mais ansiedade. Não porque nos oferecessem mais prendas materiais. Até foram bastante menos. Mas porque precisamos de mais mensagens de amor para contrabalançar tantas que parecem de ódio. Em muitos, a mensagem de Natal ainda não penetrou. O amor ainda não é a grande arma de todos os homens.

Também na nossa sociedade portuguesa, há homens que parecem marcados pelo ódio, pela vingança, pela derrota. E é necessário que todos sintamos que estas marcas não são as do Natal. A grande mensagem que Cristo quis trazer à humanidade é uma mensagem de amor entre todos os homens.

Esta procurámos nós vivê-la neste Natal.

Padre Horácio

normal, imediata — no valor e no tempo...

P. S. — Segundo notícia publicada hoje, na Imprensa — conforme despacho do Secretário de Estado da Segurança Social — vão ser desde já reduzidos «substancialmente os atrasos que se verificam no pagamento de pensões de invalidez, velhice, sobrevivência e subsídios de morte»; e eliminados a médio prazo. Sendo também «evitadas duplicações de organismos».

Muito bem!

Júlio Mendes

O nosso jornal

Continuação da PRIMEIRA pág.

dá baixa quer no ficheiro do Jornal quer no da Editorial que, por isso mesmo, como Júlio já tem dito, se conjugaram em um só.

Em relação aos livros o panorama é um nadinha mais saudável: Estão em dia 67,5% dos leitores das nossas edições.

Depois de todas as reduções feitas à tiragem em consequência da crise do papel, saíram no ano passado cerca de 1.100.000 exemplares que, ao preço de 2\$00, somariam 2.200 contos. Atendendo, porém, que consideramos e estamos creditando por preço de assinatura anual 40\$00, este total baixa para cerca de 1.840 contos. Andam, pois, por fora cerca de 730 contos que, com a soma relativa a livros, sobe aos 800.

Estes são os número que eu chamaria de justiça. Porque entre quem se lembrou do seu jornal e dos seus livros, a grande maioria deu mais do que aquela quantia arbitrada como valor razoável, para o «Doutrina» é já 50\$00 enquanto o «Barredo» foi ainda 40\$00.

Mas há a grande falange dos esquecidos, maioritária quanto ao jornal e de 32,5% quanto aos livros.

Se não fora o excesso dos primeiros, decerto experimentaríamos dificuldades para o lançamento das nossas publicações, que assim, felizmente, não conhecemos; mas mercê da generosidade e com defeito da justiça.

Ora nós queremos todos os nossos assinantes na classe dos justos. Vamos, pois, a um esforçozinho de memória e a marcar presença.

O problema, como várias vezes temos repetido, não é o dinheiro.

O único preço real de «O Gaiato» e das nossas edições é o interesse que despertam nos seus leitores e a revolução que desencadeiam nas suas almas. Quem não pode dar nada diz e recebe na mesma — que graças a Deus, outros sustentarão por estes, o custo das publicações. Tampouco os números que acima alinhámos são taxativos. São números razoáveis, como disse. Ordem de grandeza a servir de orientação. Quem não pode tanto, pode, pois, continuar nosso assinante. Mas diga alguma coisa. O diálogo serve e é, neste caso, a moeda solvente e livre de qualquer desvalorização — vantagem que não conhecem as moedas fundadas nas cotações mundanas. O amor fraterno não tem preço e sobrenada tudo o mais que flutua em risco de afundar-se.



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa